

SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO**A LITERATURA DE VIAGEM E O IMPÉRIO DAS FESTAS: OS
COROAMENTOS DOS REIS CONGOS NO BRASIL MERIDIONAL
OITOCENTISTA NA VISÃO DOS VIAJANTES***Priscila Maria Weber¹**José Martinho Rodrigues Remed²***RESUMO**

O presente artigo pretende discutir as possibilidades e os limites do uso dos escritos literários nos estudos das humanidades, especificamente, a análise das representações sociais neles contidas como fontes para a história. Para tanto, utilizaremos excertos da chamada literatura de viagem, em que são descritos os episódios de coroações de Reis Congos e as festas denominadas Congadas que tiveram lugar no Brasil oitocentista. Acredita-se que esse olhar estrangeiro que enfrenta um “estranhamento” ao deparar-se com o “outro” possa ser revelador, entre descrições de incompreensão, exotismo e jocosidade, de relevantes informações para uma melhor compreensão das festas e celebrações em questão.

Palavras-Chave: Texto literário. Fonte histórica. Representações culturais.

**CULTURA, CAMPOS SIMBÓLICOS E LITERATURA DE viagem:
SUCINTAS CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DO TRABALHO
RELACIONANDO OS AFRO-DESCENDENTES**

No sábado seguinte a cidade revestira desusado aspecto. De toda parte corraera uma chusma de povo que ia assistir a festa anual do Espírito Santo. Vão rareando os lugares em que todos se não apagou o gosto dessas festas clássicas, resto de outras eras, que os escritores do século futuro hão de estudar com curiosidade, para pintar aos seus contemporâneos um Brasil que eles já não hão de conhecer. Machado de Assis³

Os negros dançantes de Congadas ou Congadeiros estão ligados a uma liturgia elitista, como é o caso da católica. Possuem mobilidade de forma restrita, apenas poucos locais de sociabilidades. Um desses espaços de sociabilidades no Brasil oitocentista ocorre por conta das coroações. Os escravos dançantes manifestam a busca por um *status branco*, mesmo que de forma simbólica. Esses caracteres ajudam a entender os processos de representações culturais no universo das Congadas e como os mesmos se constituem. Para tanto, sugere-se averiguar os estudos de Roger Chartier (2002:79), que fomenta os argumentos referentes às culturas com seus elementos simbólicos, os quais podem ser traduzidos historicamente, de forma a possibilitar o entendimento de determinado contexto temporal e social.

Entende-se que as culturas nada mais são do que representações históricas e os elementos que as formam, as práticas culturais, estão carregados de simbolismos. São esses simbolismos, que muitas vezes ajudam a compreender determinado objeto, determinada realidade social. Os sistemas simbólicos, como instrumentos de conhecimento e de comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados. O poder simbólico é um poder de construção da realidade (BOURDIEU, 2005: 09).

Para Pierre Bourdieu, os campos de produções e lutas simbólicas estão associados a interesses derivados de lutas, também simbólicas de campos de produção. Esses campos podem ser: artístico, religioso ou lingüístico, entrando no campo das estruturas estruturantes que fazem parte de um conhecimento objetivo; meios de comunicação, línguas derivadas de culturas, discursos ou condutas, como estruturas estruturadas e por fim os instrumentos dominantes que são as divisões do trabalho ideológico (manual/intelectual).

As contribuições analisadas por Bourdieu (2005) são importantes para a observação do desenvolvimento dos estudos culturais ligados aos afro-descendentes no Brasil, em virtude de esses estudos estarem alicerçados em caracteres e construções simbólicas de poder, tanto por parte dos intelectuais que estudam o Brasil e sua cultura, quanto por parte da sociedade e dos simbolismos que esta produz. Esses resultados possivelmente influem diretamente nas representações culturais afro-descendentes, nas Congadas

enquanto uma festa que visava à coroação de um rei negro, uma vez que as fontes escritas disponíveis no rolar dos séculos em que o Brasil estava sob regime de colônia ou império são demasiado precárias. Outra característica importante a ser levada em consideração é que as festas de coroação resistiram ao tempo e às mutações sociais. Resta saber qual a função da coroação de um rei negro em período que não o imperial; resta saber como essas questões repercutem nas representações das comunidades que dançam as Congadas nos dias atuais; resta saber, ainda, qual é o ímpeto dessas representações. Esses questionamentos estão presentes nos trabalhos atuais que remontam uma realidade pretérita envolvendo negros escravos, fazendo com que os pesquisadores busquem fontes alternativas para suas comprovações.

Um destes mecanismos ou uma dessas fontes alternativas são os preciosos relatos escritos que foram deixados pelos viajantes estrangeiros, seu uso na história e áreas afins, como literatura comum de uma época que merece atenção dos pesquisadores. Segundo Lilia Moritz Schwarcz (SCHWARCZ, 2001), o que seduz os que se põem a analisar essas fontes, essa literatura, é o prazer do contato com novas abordagens à luz de análises consequentes:

Estou falando da situação de liminaridade experimentada por quem viaja – personificada na figura do estrangeiro – o que não pertence ao lugar; não é um membro da sociedade e, sobretudo tem a possibilidade de se afastar, mas confronta e vê com um olhar que distingue, emite valores, arrisca interpretações (SCHWARCZ, 2001: 603).

A citação de Schwarcz introduz uma compreensão sobre o olhar e a importância do trabalho com literatura de viagem. Ilka Boaventura Leite (1996: 13) aponta que “os relatos de viagem ao Brasil, enquanto fontes de informações permitem leituras inesgotáveis. É possível extrair delas inúmeras informações e impressões”. São “representações de representações de representações”, uma literatura nem ficcional, nem exclusivamente científica, com um gênero próprio, “produtor de representações sociais, condicionadas a um tipo de experiência específica, a viagem”, como afirma a autora.

Os caracteres vislumbrados pelos viajantes estrangeiros que se colocavam como tradutores ou intérpretes da realidade que presenciavam, registrando suas impressões, revelando o “outro”, o desconhecido, o diferente, estão ligados a representações exóticas. O enorme contingente de população negra, cativos, libertos, provenientes da África, descendentes destes, africanos ou miscigenados com europeus e indígenas serviam como protagonistas de um cenário peculiar para a visão dos viajantes em meio ao império. “A visão que foi possível formar a partir da experiência passou pelo contato direto com os povos colonizados, ou seja, com o que foi, então, identificado como sendo o “outro”, a população local (LEITE, 1996: 95).

Para concluir esta primeira parte do trabalho, cabe recorrer a Roger Bastide (1974: 26), que sabiamente, em 1974, publica *As Américas Negras*. Neste livro o sociólogo francês antecipa os trabalhos que remetem aos moldes mais modernos em termos de percepção sociológica e cultural dos estudos dos afro-descendentes. Logo, ele está atento ao historicismo presente nas averiguações que escreve, apesar de não ter a “pretensão” - para usar palavras do autor - de ser um historiador. “Os navios negreiros transportavam a bordo não somente homens, mulheres e crianças, mas ainda seus deuses, suas crenças e seu folclore”.

LITERATURA DE viagem: O REPRESENTAR DO EUROPEU EM QUESTÃO

As representações sobre o Outro nascem de um processo de comparação, classificação e ordenação dessas experiências.⁴

Os relatos dos viajantes estrangeiros que vieram para o Brasil ao longo de quatro séculos, deixaram as impressões da “descoberta” de uma nova natureza e do estranhamento dos europeus diante do comportamento lascivo de muitos que aqui habitavam. Esses relatos produziram as primeiras representações culturais, sociais e geográficas de um Brasil concebido para os europeus através da produção de uma literatura muito peculiar, a literatura de viagem.

Para a realização dessas expedições não era necessário apenas o desejo de se aventurar. Este por si só, não garantia nenhuma possibilidade de concretização das viagens. Era preciso estabelecer metas, fazer planejamento a partir de informações sobre o lugar, conseguir licenças, cartas de apresentação para contatos nos locais visitados, guias, instrumentos apropriados, isto é, todo o aparato material e humano exigido por este tipo de atividade. Não se tratava mais de enfrentar o mar; os desafios se encontravam, nesse momento, na própria terra. Não bastava o esforço pessoal. Era necessário investir grandes somas de capital e obter apoio oficial, tanto de seus próprios governos, quanto dos governos dos países visitados. Nesse sentido, fica difícil separar os interesses pessoais dos interesses institucionais, pois, se assim fosse, as viagens não se teriam realizado, o que leva a compreender as relações entre os interesses e seus graus de envolvimento com tais empreendimentos (LEITE, 1996: 56).

Essas expedições e todo o material produzido por elas, tanto literário, quanto iconográfico, segundo Leite (1996: 41), não foram produtos apenas de visões supostamente exóticas, do romântico ou de simples curiosidade. O Brasil estava inserido na expansão do capitalismo e condicionado aos interesses de revelar as potencialidades do país, portanto, não servindo apenas ao desenvolvimento científico, justifica a autora. Isso ocorreu em virtude de que, ao tomar posse das terras Brasileiras, Portugal proibiu imediatamente a entrada de estrangeiros para tentar resguardar apenas para si as potencialidades e recursos exploráveis (NOVAIS, 1993: 67). Quando houve necessidade, como, por exemplo, de instaurar e manter padrões culturais europeus no Brasil, como escolas ao molde das de Lisboa, Paris e Londres. Também correios, jornais e bibliotecas seguindo o mesmo modelo, pois, com as guerras napoleônicas estavam inacessíveis a corte portuguesa (LEITE, 1996: 46).

O interesse de outros países pelas riquezas naturais e especificidades do Brasil veio ao encontro do empenho do príncipe regente em estimular o desenvolvimento da colônia depois de estabelecer-se no Rio de Janeiro com sua corte. A partir desse momento, por todo o primeiro e segundo reinado, e igualmente após a independência política de 1822, até os fins do século XIX, cientistas, artistas e comerciantes, com múltiplos interesses e oriundos de

diversos países, receberam incentivos para viajar por todo o território brasileiro com o intuito de pesquisar, catalogar e documentar elementos que iam desde a botânica, a cartografia e a zoologia até a agricultura e os negócios. Entretanto, o que se pode encontrar lendo essas descrições relatadas na maioria das vezes sob forma de diários, é um mundo muito particular dos viajantes, onde o outro, o diferente, é bárbaro vivendo no belo, agressivo com seus costumes e dócil nos trejeitos.

Além de contribuir sobremaneira para o desenvolvimento científico do país, os viajantes europeus levavam essas exóticas informações ao velho mundo, destacando sempre os negros e o escravismo, os dançares, cantares e falares, as mulheres, os modos de vestir e comportar-se. Nesses momentos era evidente o distanciamento do observador em relação ao objeto.

Os relatos feitos por membros de expedições científicas têm sido utilizados como fonte plausível de múltiplas averiguações de estudiosos dispostos a compreender a realidade brasileira, principalmente a referida ao século XIX. As informações possíveis de serem extraídas desses relatos, dessa categorização do “outro”, do “diferente”, que evocava, segundo muitos dos viajantes, um comportamento primitivo e bárbaro, são imbuídas de preconceitos em suas narrativas, preciosas para a reconstituição de caracteres pretéritos de uma realidade que deixou poucos vestígios, poucas fontes documentais, como é o caso da vida cotidiana da população negra.

Segundo Marina de Melo e Sousa (2002: 270-1), os viajantes “olhavam o diferente a partir do ponto de vista europeu, ocupando o negro um nível inferior no conjunto das sociedades”. A autora afirma ainda que a escravidão e a presença de elementos de culturas africanas na sociedade em que estes estrangeiros desembarcavam nunca foi o cerne dos interesses que traziam ao Brasil muitos viajantes, mas acabou impondo aos observadores uma significativa atenção, pois permeavam todas as esferas de sociabilidades e estavam presentes em todos os lugares.

A Congada, criada primeiramente a partir da hibridização de culturas africanas com a ibérica no contexto da diáspora da comercialização de produtos e escravos (SILVA, 2002: 360-395)⁵ dos reinos do Congo com os

reinos Europeus, e após transportada para o outro lado do Atlântico, proporcionou aos observadores que a relatavam um prato cheio de etnocentrismo e inferioridade, através de uma cultura negra e escrava. No decurso desse olhar hierarquizado, os níveis de desenvolvimento do Império Brasileiro eram gravemente afetados na Europa.

Dessa forma, pode-se encontrar nos relatos interessantes descrições sobre as festas de Coroações de Reis Negros no Brasil oitocentista, sendo denominada Congada toda a dança dramática⁶ referida a este festejo ambíguo da liturgia católica. A referência à ambiguidade é feita em virtude deste ritual ser organizado e realizado na maioria das vezes nas irmandades de homens pretos das igrejas católicas. Contudo, elas guardam reminiscências de elementos da cultura africana, mais especificamente Congolesa e Maçambiques, com predominância da etnia Banto, condenada em outros ritos e formas de expressar a religiosidade como pagã.

Segundo Paulo Dias (2001: 859-887) em *A outra festa negra*, os negros possuíam de dois a três meses de ensaios para a coreografia a ser dançada nos festejos santos, além de dias para folgarem e realizar peditórios, que eram atingidos por meios de festas que saíam às ruas das localidades. Outra característica importante é a duração do rito, que no período imperial possuía a duração de aproximadamente sete dias e sete noites, podendo variar de localidade para localidade. Segundo o autor, esse evento era uma forma de conceder certa liberdade e sociabilidade ao cativo, sem perder seu controle, uma vez que a igreja e os senhores estavam sempre envolvidos.

Com essa realidade traduzida nos relatos dos viajantes oitocentistas, os estudiosos procuram costurar uma espécie de colcha de retalhos da história. Descobrimos outra forma de literatura que narra o Brasil: diários, crônicas e memórias. Todos esses gêneros foram utilizados por quase todos os viajantes. O que pode variar é a dosagem de cada um deles nos relatos individuais. Dessa forma foi possível manter vivos tantos detalhes e minúcias que a memória por si só não consegue guardar. “Os viajantes conseguiram, sobretudo, manter viva a emoção de cada momento da viagem” (1996: 83).

A VISÃO ESTRANGEIRA OITOCENTISTA DO IMPÉRIO DAS FESTAS: OS COROAMENTOS DOS REIS CONGOS SOB A APRECIÇÃO DOS VIAJANTES

Durante a festa, o escravo sai, por alguns dias, da sua situação de oprimido para sentir-se não somente livre mas também um homem forte a influir nos destinos do mundo.⁷

A coroação de rei Congo, disseminada em vastas localidades brasileiras e presente em longos períodos de tempo, foi documentada por alguns viajantes e memorialistas, com diversas feições, dependendo do lugar e da época em que foram presenciadas, sempre conservando alguns elementos estruturais, como rei Congo, rainha Ginga e dançantes, peças-chave na composição do ato. Todavia, as diversas manifestações particulares também podem e devem ser levadas em consideração por denunciarem o dinamismo presente em qualquer cultura, em qualquer prática de representação cultural, que está sempre em movimento, em mutação (THORNTON 2004: 279-280).

De forma sintética, a coroação de um rei Congo compunha-se dos seguintes elementos no século XIX: eleição anual de um rei, uma rainha e demais cargos no âmbito de uma irmandade de homens pretos ligada a um santo ou santa. Igualmente, há relatos de estas eleições acontecerem somente quando um membro falecia, ou seja, os cargos poderiam ser vitalícios. Comumente encontram-se nos escritos referências a São Benedito e a Nossa Senhora do Rosário como principais escolhidos para padroeiros dos festejos. As datas variavam conforme as localidades e irmandades.

A coroação dos reis se dava pelo sacerdote dentro da igreja e os cortejos que levavam os reis para a coroação participavam do rito através de cantorias e coreografias dramatizadas, tematizando lutas para a conversão ao cristianismo de exércitos pagãos que enfrentavam os soldados do rei do Congo, fiéis representantes da irmandade (MACEDO, 2000: 9-28). Coroas e cetros eram elementos muito presentes, assim como mantos e ornamentações muito luxuosas se comparadas à realidade dos escravos, que os reis ostentavam com toda pompa e orgulho.

Os dançantes eram caracterizados como um exército, contudo, as armas que portavam eram instrumentos musicais, versos, passos de danças e adereços identificando os povos africanos. A sensação de desregramento que a festa ocasionava ao olhar do estrangeiro estava associada à ingestão de aguardente por parte dos dançantes, que tinham seus ânimos exaltados. Vale mencionar que a corte da festa, principalmente o rei e a rainha, só ingeriam vinho, lembrando os ritos peninsulares de realeza⁸.

Para exemplificar o que foi citado anteriormente em relação às festas de coroação dos reis Congos, vale mencionar o relato de Koster (1942: 354)⁹:

Ficamos parados à porta quando apareceu numeroso grupo de negros e negras, vestidos de algodão branco e de cor, com bandeiras ao vento e tambores soando. Quando se aproximaram, descobrimos, no meio, o Rei, a Rainha e o Secretário de Estado. Cada um dos primeiros trazia na cabeça uma coroa de papel colorido e dourado. O Rei estava vestido com uma velha roupa de cores diversas, vermelho, verde e amarelo, manto, jaleco e calções. Trazia na mão um cetro de madeira, lindamente dourado. A Rainha envergava um vestido de seda azul, da moda antiga. O humilde Secretário ostentava cores quanto seu chefe, mas era evidente que sua roupa provinha de várias partes, umas muito estreitas e outras demasiado amplas para ele. As despesas com a sagrada cerimônia deviam ser pagas pelos negros e por isso, no meio da Igreja, estava uma mesinha com o tesoureiro dessa Irmandade preta e outros dignitários, e sobre ela uma pequena caixa para receber o dinheiro (KOSTER, 1942: 354).

Todas as irmandades, não só as de homens pretos, organizavam-se através de uma igreja local, criada em centros urbanos. Em muitos casos, essas igrejas eram chamadas de “igreja matriz”, por congregar o padroado de determinada localidade. Esse fator não dificultava a festa nas localidades rurais, como escreveram Antonil¹⁰ e Henry Koster ao visitar a Bahia. Ambos viajantes descreveram a festa em localidades rurais, seguida de um cortejo até a igreja que abrigava a irmandade para que o rei e a rainha pudessem ser coroados com todo o simbolismo que o ato propunha.

Ainda através de Henry Koster, pode-se apreciar um relato datado de 1814, por ocasião da festa de Nossa Senhora do Rosário, em maio, no distrito de Itamaracá. Pelo autor, entende-se que um novo rei era eleito com o

falecimento do anterior, com a sua demissão do cargo por um motivo qualquer, ou ainda, com a deposição arquitetada pelos seus súditos. Assim, os reis exerciam algum tipo de autoridade, podendo ser substituídos se acaso seu desempenho não fosse satisfatório. Apesar dos senhores enxergarem apenas figuras farsantes, no entender de Koster, “esses soberanos exercem uma espécie de falsa jurisdição sobre seus vassallos, da qual muito zombam os brancos, mas é nos dias de festa que exibem sua superioridade e poder sobre seus companheiros” (KOSTER, 1942: 354).

Dois outros viajantes deixaram relatos e registraram aspectos muito variados da realidade brasileira oitocentista. Spix e Martius, da mesma forma que os outros viajantes, contribuem, sobremaneira, para o entendimento e a plausibilidade na reconstrução narrativa da história.

Spix e Martius chegaram ao Brasil por ocasião de uma viagem como representantes da Academia de Ciências de Munique, aproveitando a comitiva da Arquiduquesa da Áustria, Dona Leopoldina, que em 1817 casava com Dom Pedro, príncipe do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, e cumprindo ordens do rei da Baviera, que desde 1815 tinha encomendado uma expedição a países da América do Sul. Dessa forma, Spix e Martius se puseram a narrar o que lhes era desconhecido.

Logo na sua chegada, assistiram “a uma festa de igreja, que os negros celebravam no dia de sua padroeira, Nossa Senhora do Rosário”, em uma capela perto do Palácio São Cristóvão, no Rio de Janeiro. Não destacaram celebrações fora da igreja, apenas foguetes e música “*quasi jovial*” tocada por uma orquestra de pretos. A cena despertou nos viajantes alegria, ao perceberem traços de “humanidade, que se desenvolvem no negro, a pouco e pouco, no convívio com o branco”(SPIX e MARTIUS, 1981: 90). Ao mesmo tempo, eles lamentaram a instituição tão bárbara que era a escravidão.

No ano seguinte, mais habituados aos costumes dos trópicos, presenciaram cenas que descreveram com bastante minúcia. Um exemplo é a ocorrida no Tejuco Mineiro, em 1818, derivada de festejos que celebraram a coroação de D. João VI, em que hóspedes como Ferreira Câmara, Intendente do distrito Diamantino na ocasião, tiveram a oportunidade de assistir cortejos

teatrais, danças e espetáculos nos moldes do barroco mineiro¹¹. No relato de um desses festejos, há uma contribuição dos negros:

É costume dos negros do Brasil nomearem todos os anos um rei e sua corte. Esse rei não tem prestígio algum político nem civil sobre os seus companheiros de cor; goza apenas da dignidade vaga, tal como rei da fava, no dia de Reis, na Europa, razão porque o governo luso-brasileiro não opõe dificuldade alguma a essa formalidade sem significação. Pela votação geral foram nomeados o rei congo e a rainha xinga, diversos príncipes e princesas, com seis *mafucas* (camareiros e camareiras), e dirigiram-se em procissão à igreja dos pretos(SPIX e MARTIUS, 1981: 112).

Ao olhar do observador, esse rei não possui prestígio algum, não passa de um rei de farsa, como acontecia de forma similar nas festas populares europeias¹². Como se acredita que costumes destituídos de significações não sobrevivem, busca-se entender os significados que permeavam essas festas, que ficaram escusos ao olhar dos viajantes. Por trás dessas manifestações simbólicas, muito mais do que folgar para ensaiar os passos das danças, ou participar de bebedeiras e peditórios, está o fato de determinada comunidade negra conseguir manter um vínculo com sua origem africana. A festa deve ser enxergada como uma manifestação de uma representação cultural híbrida, com elementos oriundos do catolicismo e do “paganismo” afro, como um mecanismo de manutenção identitária¹³ e sobrevivência em uma sociedade governada por brancos.

Outro viajante que esteve por essas paragens foi Francis Castelnau, que deixou um relato curto, mas significativo, transcrito aqui na íntegra. Esse visitante de Minas Gerais no ano de 1843 hospedou-se na casa do Barão de Sabará, ilustre morador da localidade de Sabará. Segundo o viajante francês, o Barão era um senhor feudal deslocado no tempo e no espaço.

Foi de uma janela dessa casa que Castelnau observou o “singular espetáculo”, como ele mesmo declarou. Essas e outras informações podem ser conferidas no relato, quando Calstelnau profere que os negros estavam reunidos para a eleição de um rei Congo, percebendo que possuíam

sociabilidades, uma rede hierárquica de solidariedade e, ainda, hibridização de culturas na cerimônia de coroação dos reis.

De uma das janelas do salão foi-nos dado gozar de singular espetáculo: refiro-me à grande festa dos negros, reunidos para a eleição de um rei de Congo. Fazem todos os anos este extravagante carnaval, adquirindo o eleito grande influência sobre os companheiros. A cena era muito curiosa, misturando singularmente as reminiscências da costa africana com os costumes brasileiros e cerimônias religiosas. A princípio, o rei de Congo, em companhia de sua metade, vem ocupar uma das cadeiras postas de antemão para uso da corte. Ambos estão magnificamente vestidos, trazem coroas de prata maciça e cetros dourados (**talvez pertencendo à irmandade**). Um grande guarda-chuva os garante da influência da lua, que vem nascendo (**influência da realeza europeia, andar sempre pajeado**). Coisa digna de reparo, o rei traz uma máscara preta (**distintivo do poder de tribos africanas**), como se tivesse receio de que a permanência no país lhe tivesse desbotado a cor natural. A corte, em cujos trajes se misturam todas as cores e os enfeites mais extravagantes, senta-se de cada lado do casal de reis; vem depois uma infinidade de outros personagens, os mais consideráveis dos quais eram sem dúvida grandes capitães, guerreiros famosos ou embaixadores de potências longínquas, todos paramentados à moda dos selvagens do Brasil, com grandes topetes de penas, sabres de cavalaria ao lado, e escudo no braço. Nessa balbúrdia, confundiam-se danças nacionais, de diálogos entre pessoas, entre estas e o rei ou entre o rei e a rainha, combates simulados e toda espécie de cambalhotas dignas dos macacos mais exercitados. A coisa mais divertida era porém um preto mascarado de branco, e vestido com a farda vermelha do soldado inglês; trazia um violão e era acompanhado por uma orquestra, por assim dizer, nacional. (**máscara preta usada junto com a coroa, África natal ao lado do novo mundo**). A escuridão acabou por encobrir estes personagens, que não poderiam querer mais do que nela se confundir”(CASTELNAU, 1949: 171-2). (Grifos meus)

Assim como Minas Gerais, Goiás também foi contemplada com relatos, estes de Johann Emanuel Pohl, que chegara em 1817, na mesma ocasião que Spix e Martius. Pohl atribui aos escravos a “culpa maior dessa desmoralização”, devido à decadência de Goiás depois do surto aurífero e da pobreza generalizada devido ao mesmo. Esse comentário é revelador, no sentido de que se pode observar a mesma forma de preconceito e desvalorização da população cativa, diagnosticada já em outros viajantes.

Pohl (1976: 142) descreve várias festas, entre elas uma “comédia de Carlos magno”, efetuada por ocasião da Semana Santa, e um embate entre mouros e cristãos, realizada nas festas do Divino Espírito Santo. Essas festas foram manifestações executadas na península Ibérica e toda Europa, misturando-se a embaixadas africanas, tendo sempre como pano de fundo o tema da cristianização (MACEDO, 2000: 9-18). Por ora, a descrição será limitada à festa da Santa Ifigênia, “uma santa negra africana” celebrada a 24 de junho, ocasião na qual os “negros livres (...) fazem tudo para abrihantarem a festa e superarem os brancos em suas iniciativas semelhantes”. Neste dia, o cortejo real percorreu as ruas, indo da casa da imperatriz até a igreja. Abrindo o cortejo vinham “uns vinte negros com seus instrumentos”, “vestidos a moda do país e penas de avestruz” a lhes ornar a cabeça, casaquinhos de veludo vermelho bordados de dourado e correntes de ouro nos braços.

Esse cortejo deveria ser o mesmo em quase todos os casos de coroações dos reis negros no Brasil oitocentista. Sempre vestidos imitando reis europeus, muitas cores e enfeites, os elementos africanos sobreviviam na música e na dança, a coroa sempre estava presente. O que chama a atenção é que os reis, ungidos e coroados pelo padre, estavam dentro das igrejas católicas, frequentadas por uma elite branca.

Depois apareciam o príncipe negro e a princesa da festa, ele com uniforme português, ela com longo vestido branco e – o que dava um aspecto bastante bizarro – com os cabelos bem empoados. Estava quase inteiramente coberta de jóias. Ambos levavam numa das mãos um ramallete e na outra um comprido junco com grande castão de prata, semelhantes aos bastões de nossos mordomos. Vinham depois o imperador e a imperatriz. Ele, igualmente com uniforme português, ela também com um longo vestido bordado. Ambos traziam coroa e cetro e na outra mão o tal junco com castão de prata. Vinha, afinal, a corte, em colorida mistura, vestida a moda do país. Ao som de música, cantando e exclamando continuamente “Bambi, domina”, marchava para a igreja, com aspecto muito pitoresco, o cortejo fantástico, dançando, a sua maneira, os negros que iam à frente; um canto lento e monótono acompanhava a dança, em que eles cruzavam as pernas, estendendo-se para a frente ou para trás, e curvavam o corpo em diversas e estranhas contorções (POHL, 1976: 203-205).

Algumas semanas antes de tal evento, delegados negros pedem licença ao vigário para procederem a cerimônia de levantamento de mastro. Uma vez

concedida, a frente da igreja é tomada pelos dançantes com a imagem da santa, vestidos de “uniformes portugueses” e cavalgando animais ornados de fitas e campainhas, nos quais fazem evoluções coreográficas na praça.

E de casa em casa desejavam votos de felizes festas. Sob contínuo rufar de tambores, disparos de espingardas e o ressoar de vários instrumentos nativos do Congo, além de outros sons, seguem os participantes para a casa do imperador (nessa festa também se elege um), onde um negro grita continuamente “Bambi” e o coro em uníssono responde “Domina”, o que significa: o rei governa. A horrível gritaria, que chegava até nós, não nos deixou pregar os olhos durante toda a noite (KOSTER, 1942, p. 354).

Dessa forma, a cidade inteira participava da festa dos negros, envolvida pelos ritmos que atormentavam o estrangeiro. Pohl declara que os negros faziam uma “barulheira inacreditável”. Os negros com seus tambores africanos saíam às ruas em procissão, varando a noite e aproveitando o raro momento em que suas danças não eram censuradas. Uma semana após o levantamento do mastro, “o imperador eleito, acompanhado da esposa e de dois tocadores de tambor”, iam às ruas para o peditério de esmolas para a festa. A santa Ifigênia era dada a beijar para os que passavam.

Hermann Burmeister, nascido na Prússia, zoólogo por formação, veio ao Brasil em 1851 a fim de conhecer as descobertas paleontológicas que Peter Lund havia feito em 1833, em Lagoa Santa, onde permaneceu cinco meses e teve a oportunidade de presenciar e registrar uma festa de coroação de reis negros.

Esse autor também descreve que os cortejos, ou os reis e dançantes de congadas, realizavam peditérios para pagar o orçamento da festa: “os emolumentos da igreja custeados com fundos obtidos por meio de uma coleta”.

Burmeister sentia grande repulsa pelos negros, achava seu cheiro desagradável. Isso segundo ele era um fator para evitar aproximações, por achar a natureza dos mesmos inferior à humana, tanto física quanto mentalmente, mas muito semelhante a dos macacos. Mesmo assim, ele observa e descreve relatos mui significativos.

Durante essa festa, o escravo sai, por alguns dias, da sua situação de oprimido para sentir-se não somente livre, mas também um homem forte a influir nos destinos do mundo. Os escravos legítimos e não pretos livres, os quais também participam da festa (BURMEISTER, 1976: 264-265).

Para finalizar as citações e descrições oriundas de relatos literários de viagens, cabe citar ainda Richard Burton, que veio ao Brasil em 1867, como cônsul da Inglaterra e presenciou uma congada no mesmo ano, nas instalações mineradoras do Morro Velho, na região de Sabará.

Em um relato, Burton declara que uma congada poderia ser dançada de forma teatral, em forma de apresentação performática e divertimento para pessoas ilustres, onde os dançantes eram recompensados com garrafas de bebidas e moedas:

Um grupo de homens, depois de passear pelo estabelecimento, veio a casa grande. Vestiam-se, ou imaginavam estar vestidos segundo o estilo da Casa de Águia Rosada, descendente do grande Manicongo, senhores hereditários da terra do Congo. Mas as *toilettes*, ainda vistosas, com sedas e cetins de cor, eram puramente fantasiosas. Algumas usavam o canitar, ou coroa de plumas na cabeça, a *arasvia* ou franja na cintura e traziam o tacape ou *tamahawak*, tudo de origem vermelha. Estavam todos armados de espada e escudo, exceto o rei, que, em sinal de dignidade, trazia o cetro, um pau grosso e forte. Este velho, mascarado, de barba branca, maxilar trêmulo, voz vacilante e modos rabugentos, era habilmente representado por um jovem negro de Sabará. Ao seu lado sentava-se o capitão da guerra, primeiro-ministro. A sua esquerda o jovem príncipe, seu filho e herdeiro, um negrinho sem interesse. Está visto que havia um palhaço da corte de Daomã. A patuscada consistia em dar nele pontapés e cachações, como se fosse um dos nossos palhaços e arlequins (BURTON, 1949: 328, tomo I).

A descrição de Burton aponta claramente o caráter dramático da dança, sendo o rei e a rainha personagens fictícios, porém, importantes para o entendimento de determinadas dinâmicas sociais em comunidades negras. Ou seja, as congadas ocorriam, não só por festejos santos, ou por diversão e folga dos negros, mas porque era necessária a manutenção de algo, a manutenção e reafirmação de representações, de identidades culturais e sociais.

Segundo Marina de Mello e Souza (2002: 305), os negros cativos misturavam história com invenção, elementos africanos com portugueses, catolicismo e crenças bantos, havendo identificação de *minkisi* e ancestrais a rosários e santos padroeiros, as festas do rosário tornaram-se elementos atribuidores de nova identidade à comunidade negra, criada a partir da diáspora imposta pelo tráfico negreiro. Assim, como afirma a autora, “por trás da inversão festiva, há rememoração do mito fundador de uma identidade construída historicamente no contexto da dominação escravista e da evangelização” (SOUZA, 2002: 307, citando REIS, 1991: 66).

Todos esses caracteres, unidos a um olhar estrangeiro de estranhamento, serviam aos viajantes como um cardápio recheado de exotismos, capaz de mobilizá-los e pô-los a escrever, a narrar as peculiaridades das sociedades que encontravam, deixando para os habitantes futuros um Brasil que eles já não haveriam de conhecer, exceto por seus diários.

TRAVELING LITERATURE AND THE EMPIRE OF PARTIES: THE CORONATION OF THE CONGO KINGS IN THE NINETEENTH SOUTHERN BRAZIL IN THE TRAVELERS VISION

ABSTRACT

The present communication intends to discuss the possibilities and the limits in the usage of the literary writings in the studies of humanity, especially, the analysis of the social representations contained on them as a source to the history. For this, it will be used excerpts of the traveling literature in which are described the episodes of the coronation of Congo Kings and the parties called Congadas that had a place in the nineteenth Brazil. It is believed that this foreign view that faces a “strangeness” facing up the “other” could be revealed, between incomprehension descriptions, exoticism and funny, with relevant information to a better comprehension of the parties and celebrations concerned here.

Keywords: Literary text. Historical source. Cultural representations.

NOTAS

- ¹ Acadêmica do curso de História da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC.
- ² Professor do curso de História da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. Doutorando em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.
- ³ Em “A parasita Azul”, in *Contos /uma antologia (introdução e notas de John Gledson)*, v.1. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 193.
- ⁴ LEITE, 1996: 38.
- ⁵ Sobre a diáspora do comércio ver: SILVA, Alberto da Costa e. *A manilha e o Libambo: a África e a escravidão, de 1500 a 1700*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- ⁶ KOSTER, 1942: 354. Todas as citações a seguir referentes à Koster estão nesta página e nas seguintes.
- ⁷ ANDRADE, 1982. Tomo I, II e III.
- ⁸ BURMEISTER, (1851)
- ⁹ Sobre o hábito de tomar vinho em congadas ver LAYTANO, 1945: 61.
- ¹⁰ In SOUZA, 2002: 273.
- ¹¹ DEBRET, 1982, Tomo II, p. 246. O viajante explica que a despeito da D. João ter assumido a Coroa desde a morte de sua mãe, em fevereiro de 1816, foi aclamado oficialmente no Rio de Janeiro só dois anos depois, em fevereiro de 1818, atraso devido à necessidade de ratificação da Regência portuguesa, que só então reconheceu o Reino Unido do Brasil, Portugal e Algarves.
- ¹² Ver ANDRADE, 1982: 33-32, tomo I.
- ¹³ Sobre identidades ver: CASTELLS, Manuel. *O poder da Identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
HALL, Stuart.. *A questão da identidade cultural*. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1996.
_____. *Da Diáspora : identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte : Ed. da UFMG, 2005.
SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) HALL, Stuart, WOODWARD, Kathryn. *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Marcos Magalhães. *Festas e rituais de inversão hierárquica nas Irmandades Negras de Minas Colonial*. In. KANTOR, Íris. JANCSÓ, István. *Festa – Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa*. Tomo I e II. São Paulo, EDUSP, Imprensa Oficial FAPESP, Huctec, 2001.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, Editora UFV, 2006.

ANDRADE, Mário. *Danças Dramáticas do Brasil*. 2. ed Belo Horizonte: Itatiaia: Brasília: INL: Fundação Nacional Pró-Memória - Iphan, 1982. Tomo I, II e III.
Bittencourt Junior, Iosvaldyr Carvalho. *Maçambique de Osório - entre a devoção e o espetáculo: não se cala na batida do tambor e da maçaquia*; orientação [por] Maria Eunice de Souza Maciel. - Porto Alegre, 2006. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Porto Alegre, 2006.

BENJAMIN, Roberto. *Congos da Paraíba*. Cadernos de Folclore N° 18. Ministério da Educação e Cultura. 1979.

BURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

_____. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

_____. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *A miséria do mundo*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BURMEISTER, Hermann. *Viagem ao Brasil através das províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia-Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

BARROS, José D'Assunção. *A história cultural francesa: caminhos de investigação*. Revista de História e Estudos Culturais. Vol. 2, Ano II, nº4, ISSN 18076971.

BURTON, Richard. *Viagens aos planaltos do Brasil*. São Paulo: Nacional, 1949.

BASTIDE, Roger. *As Américas negras*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

_____. *Os Congos no sul do Brasil*. Revista Trimestral Província de São Pedro, Rio de Janeiro-Porto Alegre-São Paulo: Editora Globo, nº10.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Made in África*. 5. ed. São Paulo: Editora Global, 2001.

_____. *Antologia do folclore brasileiro*. São Paulo: Global, 2001.

_____. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Global, 2001.

CASTELNEAU, Francis de. *Expedições às regiões centrais da América do Sul*. São Paulo: Nacional, 1949.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia. A história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

_____. *A História Cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

DEBRET, Jean Batiste. *Viagem Pitoresca e História ao Brasil*. Tomo I e II. São Paulo: Círculo do Livro, 1982.

DIAS, Paulo. *A outra festa Negra*. In. KANTOR, Íris. JANCSÓ, István. *Festa – Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa*. Tomo I e II. São Paulo, EDUSP, Imprensa Oficial FAPESP, Huctec, 2001.

FERNANDES, Florestan. *O folclore em questão*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FERNANDES, José Loureiro. *Congadas Paranaenses*. Cadernos de Folclore N° 19. Ministério da Educação e Cultura. Edição da Universidade Federal do Paraná, 1979.

KANTOR, Íris. JANCSÓ, István. *Festa – Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa*. Tomo I e II. São Paulo, EDUSP, Imprensa Oficial FAPESP, Huctec, 2001.

KOSTER, Henry. *Viagem ao Nordeste do Brasil*. São Paulo: Nacional, 1942.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LAYTANO, Dante. *As congadas do município de Osório*. Porto Alegre: Edição da Associação Rio Grandense de Música, 1945.

LARA, Sílvia Hunold. *Uma embaixada africana na América Portuguesa*. In. KANTOR, Íris. JANCSÓ, István. *Festa – Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa*. Tomo I e II. São Paulo, EDUSP, Imprensa Oficial FAPESP, Huctec, 2001.

MACEDO, Robson Antônio. *Congada de Catalão*. Catalão: Ed. Petrobrás, 1972.

MACEDO, José Rivair. *Mouros e cristãos: a ritualização da conquista no velho e no novo mundo*. In. Francisco das Neves ALVES (org). *Brasil 2000 - Quinhentos anos do processo colonizatório: continuidades e rupturas*. Rio Grande, RS: Fundação Universidade Federal do Rio Grande - FURG, 2000, pp. 9-28.

MAMMI, Lorenzo. *Teatro e música no Brasil Monárquico*. In. KANTOR, Íris.

JANCSÓ, István. *Festa – Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa*.

Tomo I e II. São Paulo, EDUSP, Imprensa Oficial FAPESP, Huctec, 2001.

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da memória*. Belo Horizonte: Perspectiva, 1997.

MORAES FILHO, Mello (1843-1919). *Festas e tradições populares no Brasil*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002

NOVAIS, Fernando A. *Estrutura e dinâmica do antigo sistema colonial: séculos XVI-XVIII*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

POHL, Johann Emanuel. *Viagem no interior do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1976.

REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil de Varnhagem a FHC*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 2000.

RODRIGUES, José Honório. *Teoria e História do Brasil: introdução metodológica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978, v. 11.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Viajantes em meio ao Império das Festas*. In. KANTOR, Íris. JANCSÓ, István. *Festa – Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa*. Tomo I e II. São Paulo, EDUSP, Imprensa Oficial FAPESP, Huctec, 2001.

SILVA, Alberto da Costa e. *A manilha e o Libambo: a África e a escravidão, de 1500 a 1700*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

SOUZA, Marina de Mello. *Reis negros no Brasil escravista – História da Festa de Coroação de rei Congo*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

_____. *História, Mito e Identidade nas festas de Reis Negros no Brasil – Séculos XVIII e XIX*. In. KANTOR, Íris. JANCÓS, István. *Festa – Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa*. Tomo I e II. São Paulo, EDUSP, Imprensa Oficial FAPESP, Huctec, 2001.

SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Viagem pelo Brasil: 1817-1820*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1981.

STENZEL FILHO, Antônio. *A vila da Serra (Conceição do Arroio)*. Caxias do Sul: Editora da UCS, 1980.

TINHORÃO, José Ramos. *As festas no Brasil colonial*. São Paulo: Editora 34, 2000.

_____. *História social da música popular brasileira*. São Paulo: Editora 34, 1998.

_____. *Música das festas: a memória perdida*. In. KANTOR, Íris. JANCÓS, István. *Festa – Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa*. Tomo I e II. São Paulo, EDUSP, Imprensa Oficial FAPESP, Huctec, 2001.

THORTON, John. *A África e os africanos na formação do mundo atlântico: 1400 – 1800*. Rio de Janeiro, Elsevier, 2004.